PRIVATE

A MAIS COMPLETA REVIS PAÍS.

REVISTA MENSAL
ANO X - Nº 107
CR$ 570,00

CLOSE

MUITO DESCONTRAÍDAS, NOSSAS LEITORAS EXPÕEM A BELEZA DE SEUS CORPOS AOS INTERESSADOS EM UMA GOSTOSA TRANSA

RELATOS

AS NARRATIVAS DO DIÁRIO SEXUAL ESTÃO DEMAIS! CONFIRA

MODELOS

AS GAROTAS PRIVATE MOSTRAM A SENSUALIDADE DE SUAS CURVAS PROVOCANTES, EM ENSAIOS TOTALMENTE COLORIDOS

CORREIO

TESTE A EFICIÊNCIA DOS NOSSOS ANÚNCIOS, ESCREVENDO AOS PROPONENTES. DEPOIS, É SÓ AGUARDAR OS BONS RESULTADOS

PROIBIDA A MENORES DE 18 ANOS

PRIVATE

A MAIS COMPLETA REVISTA MASCULINA DO PAÍS

EDITORIAL

Finalmente, depois de um período relativamente longo, na próxima semana já estará nas bancas a **PRIVATE ESPECIAL DO LEITOR Nº 10.** Nessa edição, o leitor, provavelmente, encontrará aquele anúncio com foto que estava demorando a sair; ou, então, o tão sonhado relato daquela experiência sexual que mais marcou a sua vida. São mais de 20 páginas de "Diário Sexual" e acima de 300 anúncios com fotos publicados. Reserve, desde já, o seu exemplar com o jornaleiro. A Private especial será, neste final de 1993, o coroamento de mais um ano de sucesso, graças a vocês, leitores, que, merecidamente, recebem essa edição como um presente de Natal. Boas Festas a todos!

Sheila

4, 33, 38 QUENTES
O leitor há de concordar: nossas garotas são as mais ousadas do mundo!

8 DIÁRIO SEXUAL
Histórias de prazer e sexo contadas em detalhes por quem delas participou

15 TRIBUNA DO LEITOR
Meta a boca! Se você estiver com a razão, nós estaremos ao seu lado

23 CORREIO CONFIDENCIAL
As centenas de propostas de sexo, desta edição, com toda a certeza vão mexer com sua fantasia

43 LEITORES EM CLOSE
As fotos publicadas não permitem que se "comprem" nabos em saco. Elas só mostram a verdade

1993 DEZEMBRO
REVISTA MENSAL
ANO X - Nº 107

Jeannete

Luzia

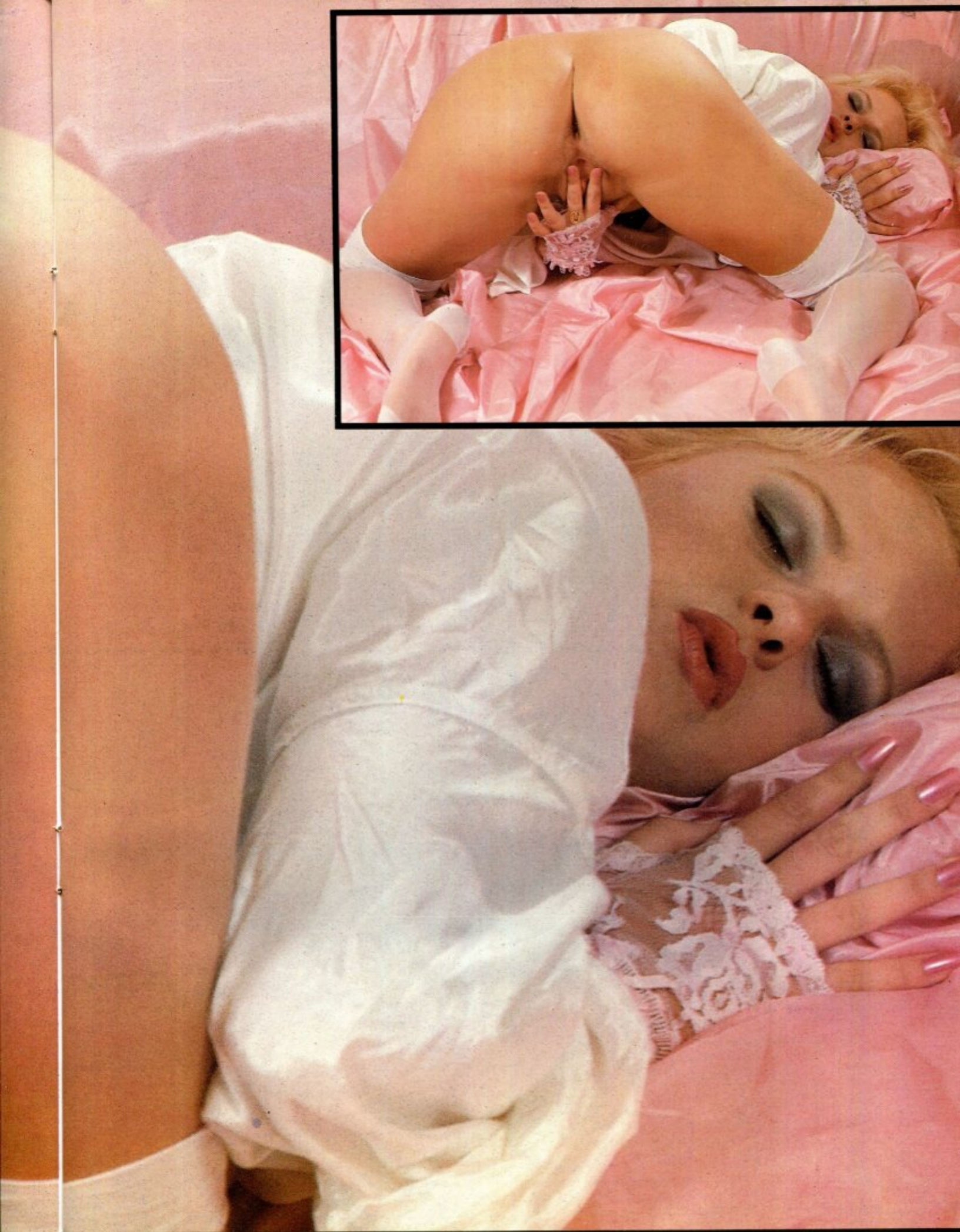
A garota da capa

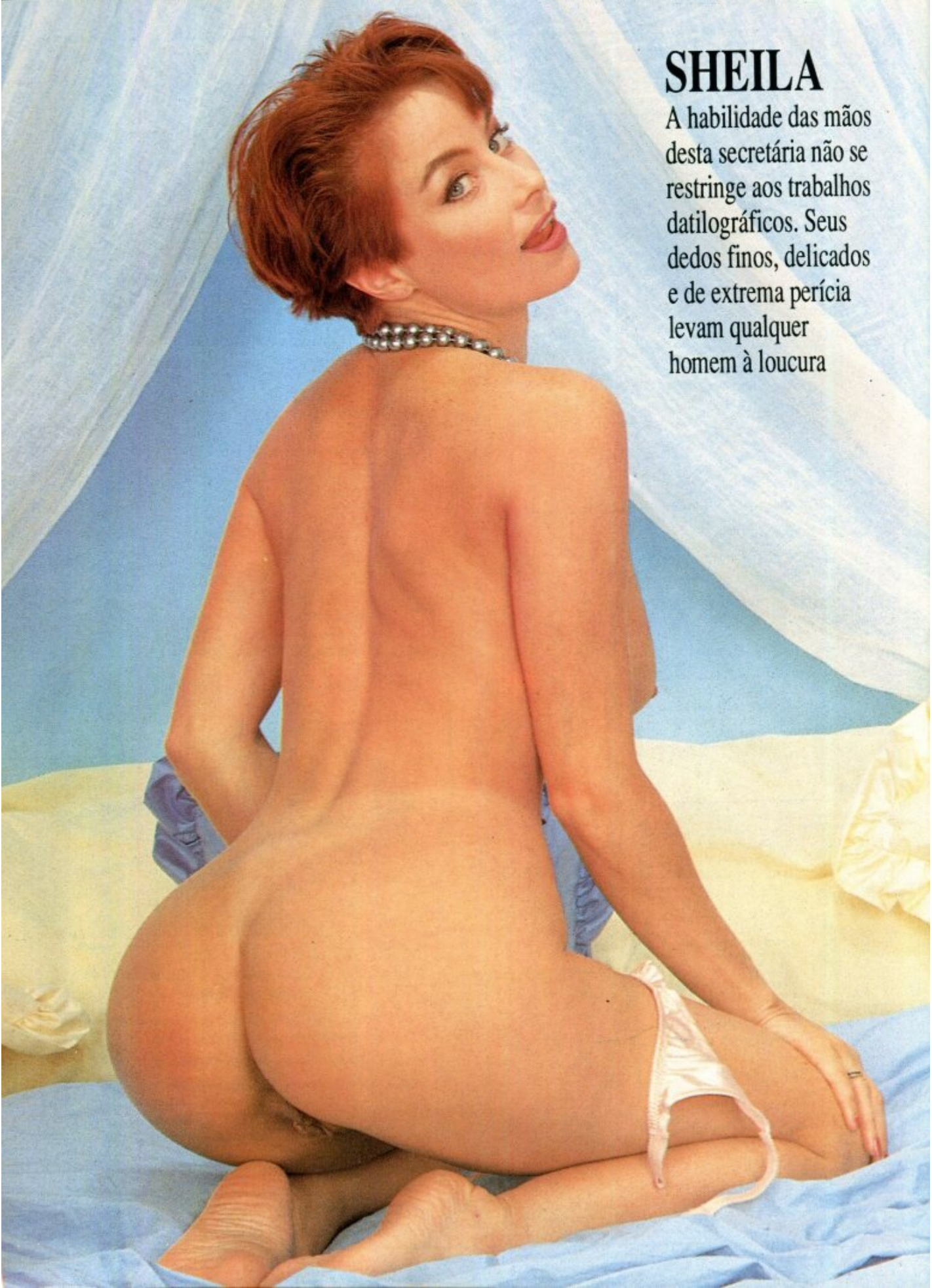
JEANNETE

É neste recanto de cenário paradisíaco que esta garota reina, sonha, apaixona e vive momentos de prazer, ao lado de quem tiver a grande felicidade de ser o seu eleito

LUZIA

Muito brilho e requinte, uma pequena mostra da sedutora beleza da mulher catarinense; produto inteiramente nacional





SHEILA

A habilidade das mãos desta secretária não se restringe aos trabalhos datilográficos. Seus dedos finos, delicados e de extrema perícia levam qualquer homem à loucura

diário sexual

o espaço da transa inesquecível

SEMPRE À DISPOSIÇÃO

Minha ex-esposa, aqui chamada Dora, é uma morena-jambo, de 30 anos, quadris largos, tipo mignon, boceta grande e cheia, seios de tamanho pequeno a médio, lábios camudos, reservada no seu dia-a-dia, mas uma tremenda putinha na cama: faz de tudo.

Quando era adolescente, a vizinhança constantemente falava mal dela, apesar de ser uma boa moça até então, e sua família superrigorosa reprimir e vigiá-la. Ainda que tivesse uma bundinha destacada e seios pequenos, não lhe foi permitido um namorado sequer e continuava virgem. Diziam que ela já tinha começado ali por trás e os rapazes lhe perseguiam até no banheiro da escola.

Na verdade não fazia nada de mais, mas mesmo assim lhe incomodavam os olhares que enfrentava na rua, as piadinhas, as cantadas dos mais atirados e principalmente as roçadas, passadas de mão e encoxadas que recebia nos ônibus cheios.

Para fugir então um pouco disso, que lhe causava sentimentos estranhos e conflitantes, terminado o ginásio, arranjou um emprego numa imobiliária no Centro, apesar de morar na zona Sul de São Paulo.

Naquele prédio do centro velho trabalhava fazendo um pouco de tudo, como recepcionista, secretária e efetuando até serviços externos. Muitas vezes, no entanto, ficava sem ter o que fazer e outras mesmo sozinha. Numa destas ocasiões recebeu a visita de Nilson, um cliente que trabalhava numa estatal nas imediações. Conversando com ele, que já achava interessante das outras vezes que o viu de passagem, contou-lhe do pouco movimento e que seu patrão havia saído. Nilson falou que iria aguardar e papo vem, papo vai, Dora foi se deixando envolver. Não demorando muito, depois de algumas visitas com a indisfarçada intensão de revê-la, ela acabou por se apaixonar. Percebendo isso, Nilson passou a intensificar mais ainda suas visitas. Dora ficou sabendo pelo próprio que era separado e morava sozinho no bairro do Ipiranga, achando-o bastante jovial, apesar de estar com 28 anos e ela com 17 na ocasião.

Reprimida e um pouco tímida, com raros amigos de verdade, passou a contar-lhe tudo o que se passava com ela. O interesse mútuo cresceu tanto que ficaram íntimos, e tempos depois, quando estava novamente sozinha, Nilson apareceu. Sentando ao seu lado, começou a alisar seus cabelos cheios e cacheados. Dora lhe confessou que estava entediada, com

idéias confusas e dias sem emoção, pois detestava rotina por muito tempo.

Nilson olhou-a de frente e percebeu algo naquele olhar bonito tendendo para a malícia. Sentindo naquilo uma indireta, agarrou-a e beijou sua boca com loucura. Dora, devolvendo-lhe com volúpia, compreendeu que estava irremediavelmente entregue a Nilson.

Sem resistência, ele se adiantou e baixou-lhe a blusa. Tirando seu sutiã, descobriu um maravilhoso par de seios de bicos compridos em auréolas grandes. Ele deu um suspiro e imediatamente abocanhou-os, um a um. Olhando para a porta toda lânguida, Dora sentiu seu calor aumentando, ficando os mamilos duros e a vagina já bem molhada. Porém, contendo-se, falou:

— Não, depois! Iremos até sua casa!

Nilson completou:

— Ou a um motel...

Dora respondeu, toda solícita:

— Está bem!

Olhou-a, parou com o assédio, enquanto esta se recompunha. Pegando sua pasta, abriu e dali tirou um presente bastante sugestivo: uma camisola branca cheia de rendas e babados.

— Tudo que você me der, eu lhe darei em dobro —, agradeceu Dora.

Nilson então combinou:

— Às seis horas passo aqui e te pego, ok?

Dora concordou.

E foram, ansiosos e excitados. Chegando ao motel e tomando um rápido banho, partiram direto para a cama. Ele logo arrancou-lhe a blusa, puxou-lhe as calças e disse a ela, sempre passiva:

— Quero apenas ver você usando o meu presente, o que há muito tempo desejo!

Com a calça veio a calcinha. Nilson ficou extasiado quando constatou que ela raspava totalmente os pêlos entre as pernas grossas e bem torneadas. Colocando a camisola, lambeu e beijou-lhe as coxas morenas, logo procurando sua vagina gulosamente numa louca exploração. Dora começava a ter espasmos de prazer, quando Nilson não se contentou: tirou toda a roupa e fez saltar, bem na frente de seus olhos, o membro latejante de tão intumescido. Alucinada, ela o segurou firme e sem demora o engoliu e sugou até onde pode, devido ao tamanho e inexperiência sua, mas demonstrando enorme prazer em fazer e saboreá-lo.

Já orientada por Nilson, chupou-lhe também os colhões, bola por bola, passando a língua por toda a extensão. Terminando por segurar a cabeça do membro com seus grossos lábios, foi no vai-e-vem dele, que lhe conduzia agarrado a seus longos cabelos castanhos. Mas ele não a deixou ali por muito tempo, apesar dela cada vez engolí-lo mais fundo. Deitou-a na cama, abrindo-lhe bem as pernas e roçando o membro em sua abertura. Dora o estimulou:

— Sou toda sua, faça o que quiser!

— Ouvindo isto, Nilson a segurou pelas mãos e com uma única estocada que lhe causou certa dor, rompeu o disputado cabaço, e começou a socar em sua boceta sem perdão. Com o caminho aberto, Dora, entrando no mesmo ritmo, gemia baixinho e de olhos fechados, dizendo:

— Que gostoso!

Em dado momento, ele lhe falou:

— Você significa muito para mim e é a garota mais adorável com quem já transei e isto não é nenhuma ofensa. Eu a amo e não quero maltratá-la muito para uma primeira vez. Se você colaborar mais e fazer amor comigo com maior frequência, logo estará aproveitando e sentindo com muito mais intensidade tudo que tenhio para lhe dar. Será minha putinha, com loucura e paixão, mas só minha.

Dora, acreditando em cada palavra, delirava, e Nilson, com juras de amor eterno, mexendo e metendo, mas na verdade só pensando em seu único prazer, logo gozou tirando a tempo. Em longas golfadas, molhou-lhe os pequenos mas sinuosos peitinhos e abundante sêmen. Aquela trepada porém continuou entre prazer e fustigação, rolando de tudo um pouco. Dora acostumou-se tanto a fazer 69 que durante longo período só gozava desta forma, pois aquele foi o primeiro de muitos encontros, ocorrendo de 4 a 5 vezes por semana. Nilson, dominando por completo, praticou sexo de toda e qualquer forma com a pequena, agora nem tão ingênua Dora, que, de uma simples confissão de culpas inexistentes passou a ter com ele uma excessiva comunhão carnal. Mas isso teria se perpetuado, após decorridos mais de seis meses, se ela não tivesse descoberto por acaso que ele já tinha voltado com a esposa, o que a fez sentir-se usada. Ainda assim, agindo como uma pervertida, num misto de prazer e vingança, continuou por curto período a dar para Nilson com toda a depravação, libertinagem e promiscuidade possíveis, castigando-o para em seguida lhe causar irritação e ciúmes em seu orgulho de macho.

De um dia para outro pediu demissão na imobiliária, se sentindo arrasada. Ele ainda tentou procurá-la em casa com a cara e a coragem para não perder aquele excitante corpinho, até então sempre à disposição, esperando que Dora nada tivesse contado à sua família. Esta, porém, não concordou, alegando a diferença de idade e a condição de "separado".

E assim os encontros acabaram, para suplício maior de Dora, pois Nilson passou mas o desejo de ter sempre um gostoso e majestoso cacete bem profundo em sua boca ou boceta, quando não no cu, ficou. Só o pensamento fazia Dora tocar siririca quase todos os dias. Entretanto, por ter feito sexo com tanta constância e sem o menor pudor ou cuidado, ficou um pouco larga e caída. Desmotivada, engordou, e sua família, desconfiada com aquela visita de Nilson, a manteve mais isolada do que nunca, isto por quase um ano.

Após isso, Dora logo voltou à ativa. Começou a trabalhar no atendimento do mesmo banco em que eu já trabalhava, mas em agências diferentes. Foi desta forma que eu, Waldo, vim a conhecê-la através de um amigo em comum. Eu já havia conversado antes com ela por telefone, quando a senti bastante atirada.

Não sabia de sua pequena transa, mas não combinava com a imagem de tímida e recatada que depois tentou me passar. Começando a namorá-la, numa visita-surpresa à sua casa, deparei-me

com uma verdadeira sabatina de seus parentes e familiares. Mas minha futura sogra, ótima pessoa, gostou de mim e logo acabei por conquistar a amizade de todos, inclusive de seu pai, que depois se revelou um alcoólatra irresponsável e contador de vantagem, sem contar a outra família que tinha por fora. Respeitava os limites, pois seus entes queridos a taxavam de "virgem intocada" e raramente no começo facilitavam nossas saídas. Apesar das indiretas de meus colegas de trabalho, pouco desconfiei. Porém, durante os amassos que vez por outra lhe dava, demostrava ser experiente, o que me fez pensar.

Em certa ocasião, com os familiares ausentes, comecei a provocá-la, bolinando aqui e ali até que cheguei na vagina e tateando senti o tamanho do "estrago". Ela tentou disfarçar e puxando-me para sua cama, sentada, abriu meu zíper dizendo que assim seria melhor. Tirou o meu membro para fora, que é bem grosso, abocanhou-o e chupando com muito vigor e prática, acabou por me fazer gozar com vontade em sua boca. Aceitando naturalmente, chegou a engolir parte, transportando o resto na própria boca até no banheiro. Passou então a ser óbvio que era experiente em matéria de sexo. Logo sondando um de seus primos superficialmente e sem Dora saber, descobri o envolvimento com o tal Nilson. Colocando que a família me teria dito que ela nunca tinha namorado antes, o primo Joaquim me informou que não tinham permitido o namoro quando o cara mais velho veio com uma proposta de compromisso de repente, sem ninguém conhecê-lo, o que todos estranharam. Pensei: como Dora facilitou! Pressionando então esta "agora minha adorada putinha", logo se abriu. Daí para a frente vi o quanto já estava viciada em sexo. Para mim virgindade não é tudo, mas o fato que me deixou mais surpreso comigo mesmo foi que fiquei muito mais excitado com a narrativa de Dora, apesar de eu já gostar muito do tipo morena, fofinha, meio caída e arrombada. Dos males, o melhor é que agora era minha vez. Embora se negando a princípio, logo e por iniciativa própria, Dora, em sua casa mesmo, passou a andar sem calcinhas por baixo de uma longa e velha saia escolar (um fetiche seu) de tecido sintético, com pregas e bem larga embaixo. Não deu outra: sem tirar ou amarrotá-la, logo estávamos fodendo em todos os lugares disponíveis e de formas variadas, inclusive no sofá de pequena sala de sua própria casa, testemunha muda de nossas maiores sacanagens, mesmo com o quarto de seus pais ao lado. Metíamos gostoso quando eles iam se deitar mais cedo ou toda vez que nos víamos sozinhos.

Ela achava que com certo risco era mais excitante, e não deixava de ser; mesmo eu tendo insistindo em motel, acabei cedendo diante desta condição tão gostosamente defendida por ela.

E quantas vezes a perder de vista fodemos assim, ela sentada na ponta do sofá, toda escancarada e eu, ajoelhando em frente, com as mãos apalpando e apertando sua baita bunda, ao mesmo tempo em que a puxava com vontade contra meu mastro, socando-lhe cada vez mais fundo. Enquanto isto acontecia, ela me lambia e peito peludo ou me sugava os mamilos, ora mordiscando, ora tilitando com a língua, sempre desejosa. Eu lhe fazia o mesmo, sendo que em várias ocasiões enquanto balançava na rola, ela chegava a conversar com seus pais de outro lado da porta, deitados mas ainda não dormindo. Por várias vezes quase fomos pegos no ato. Chegamos pelo menos em uma ocasião a ser flagrados por sua irmã caçula, que viu Dora me recebendo profundamente. As duas sempre foram muito íntimas e parecidas e não me admira se Valdete, a irmã, seguir caminho igual. "Mira", como a chamávamos, deveria saber de muita coisa, porque depois daquele momento, sempre que podia me provocava, e nunca contou nada para ninguém, que eu saiba.

É um verdadeiro tesãozinho também e em breve, quem sabe...?

Na verdade eu e Dora disfarçávamos como se estivéssemos assistindo na TV a um filme ou coisa interessante, mas a nossa atuação era bem mais prazeirosa e convincente, escapando dos riscos, sempre gozando intensamente e com muito mais vontade para as próximas. Dora gostava particularmente, como hoje ainda, que eu lhe mordiscasse a bunda por inteiro e lhe enfiasse toda a língua no cu, explorando-o no máximo para depois penetrá-la totalmente naquele rabinho e cavalgá-la. Ainda fazíamos 69 com um dedo meu todo enfiado em seu cu, outro na boceta depilada, enquanto a minha língua trabalhava ardentemente em seu clitóris. Gozava sempre com intensidade e em muitos espasmos. Aliás, fazemos assim até hoje, como também gosto de gozar em sua boca de lábios envolventes e garganta profunda, já que adora chupar uma pica como ninguém. Digo "até hoje", pois nos casamos depois e, mesmo separados recentemente, continuamos nos vendo e transando. Acontece que, apesar de minha freqüência enorme com ela na cama durante o casamento (em média duas vezes por dia em quase toda a semana), Dora começou estranhanmente a chegar tarde do banco e aos poucos me liberou para transar com outras mulheres. Logo depois disto estar ocorrendo sem maior envolvimento meu, descobri que Dora saía escondida e constantemente com outros homens, ainda que nenhum destes tenha sido o motivo principal de nossa separação, basicamente incompatibilidade de gênios. Até com o Ricardo, advogado que cuidava de nossa separação, ela transou, e no decorrer do processo! Porém, separados no papel e unidos na cama, a fodo como uma puta gosta, de todas as formas e maneiras possíveis e imagináveis, atualmente fazendo muito mais sexo anal, pelo qual se viciou. Seu último namorado, aqui Marco Antonio, só a come por trás, mas é pouco dotado. Também nem imagina quem é Dora realmente. Pobre como feliz! Para a família, ela continua o mesmo anjinho de sempre, principalmente para Mira, que lhe dá cobertura. Mas na minha ausência (resido no momento no Guarujá) ou do namorado, todo o tempo está sedenta por uma rola diferente que, para variar, acaba

encontrando. Vez por outra tem contato com umas amigas nossas, bissexuais.

De uma forma geral, passa a idéia de uma pessoa séria, moralista e introvertida, mas como se percebe, não é bem assim. Acho que sempre buscou compensar no sexo a liberdade que (supostamente) pouco teve, pois é aí que se solta e assim se justifica.

Estamos agora tentando, eu e Dora, contatar casais com tudo que temos direito, dentro de limites respeitados a combinar, para swing, incluindo ensanduichá-la. Somos ainda adeptos de SM, mas não pleno. Procuro também fêmeas liberais, higiênicas e criativas, sem limite de idade, que desejem ser tratadas na cama como putas ou assumir sua porção "bonitinha mas ordinária".

Pode haver possibilidade de compromisso comigo, desde que curta muita sacanagem oral, anal, vaginal, etc. O passado para mim pouco importa, só o presente conta.

Assim, mulheres de qualquer cor, raça, peso, altura e estado civil, escrevam mesmo sem caixa postal, pois sou sigiloso e discreto (este texto tem autorização de Dora e outros envolvidos estão com nomes trocados). Sou branco, separado, bom nível, 32 anos, liberal, 1,72m e 80kg, analista financeiro por profissão, sincero, determinado e simpático. Dora estudará propostas de relações bi e de homens comprovadamente bem dotados, ou duplas, com local para receber e eu atuando como voyeur. É indispensável (mesmo) foto na primeira carta, tipo desinibida, xerox ou simples, mas de corpo inteiro, que serão correspondidas. Somos, na condição de casal, totalmente descomplicados e logo, sempre à disposição, partiremos para um acerto e breve encontro.

Waldo & Dora, Caixa Postal 12.486, São Paulo, SP, CEP 04798-970.

UM MOTEL PARA NAIR

Nair, este foi o nome de guerra que minha esposa escolheu quando começou a frequentar um bordel de luxo. Somos casados há 20 anos, ela é loura, 1,70m, 62kg, com bundinha arrebitada e um belo par de coxas. Durante os primeiros quinze anos, apesar de ser muito fogosa e sensual, tivemos uma vida sexual normal, mas depois, talvez por descuido meu nesse aspecto, minha esposa acabou sucumbindo às cantadas de amigos nossos e começou a manter relações com vários. Eles fizeram com Nair o que não têm coragem de fazer com suas mulheres, iniciando-a no sexo anal e oral. O pior é que ela gostou e agora só pensa em dar o cu e chupar um cacete.

Há mais ou menos seis meses, Nair começou uma amizade com uma senhora que depois fiquei sabendo ser dona de um bordel de alta categoria. Sem muito trabalho, essa mulher, chamada por mim de Rose, conseguiu que minha esposa se prostituísse. Rose tem o seu apartamento freqüentado por algumas mulheres da sociedade e muitos homens bem situados financeiramente. Muito organizada, mantém álbum individual das mulheres com fotos eróticas e uma ficha com características físicas e preferências sexuais. Nair também fez uma série de fotos com roupas íntimas, outras nua, e diz que em sua ficha fez constar que prefere o sexo anal e oral, no primeiro caso dependendo do tamanho do caralho do cliente.

Depois de três meses de trabalho, tornou-se a principal prostituta do bordel, porque sendo muito linda e corpo escultural não escolhe cliente, e porque gosta de dar o rabo e chupar um bom cacete, está com sua agenda de serviço tomada por 15 a 20 dias. Nair organizou um cronograma sexual, só dando plantão às terças e quintas-feiras, das 16 às 24 horas. Às terças, está atendendo quatro clientes por dia, e às quintas, seis, sendo dois de cada vez. Quase sempre os clientes querem pôr no cu e depois na sua boca. Assim, às terças ela leva quatro picas no rabo e chupa quatro, e às quintas, seis. Como principal estrela, também cobra um cachê alto. Só em junho faturou mais de seis mil dólares e já tem guardados 25 mil dólares. Ela sozinha tem faturamento líquido maior do que minha firma, que tem 25 funcionários. Não sei se o nosso dinheiro vale pouco ou se é o cu da Nair que vale muito.

Nair me contou um fato pitoresco sobre um cliente de cor. Ele chegou pela primeira vez e quando ela viu o tamanho do seu pau, ficou muito espantada, porque mais parecia um cacete de jumento. Natu-

ralmente ela não o deixou enrabá-la e fez sexo normal, assim mesmo com dificuldade, e ficou uns três dias andando com as pernas abertas. Depois o mesmo senhor continou a procurá-la, mas ela somente chupava o seu cacete e mesmo assim não era fácil, porque só 50% dele já enchia a sua boca. Diz minha esposa que a porra que expelia era proporcional ao seu tamanho, porque quando ele gozava, ficava mais de 30 segundos soltando porra, que parecia nunca parar de descer garganta abaixo.

Mas recentemente aconteceu um fato que me deixou fascinado. Numa quinta-feira, cheguei ao apartamento e não tinha levado a chave. Como sabia que minha esposa estaria no bordel, fui lá para pegar a chave. Ao chegar, Rose me disse que Nair estava atendendo dois clientes do horário, mas a sua bolsa estava na sala e ela me deu, e maliciosamente perguntou se eu não queria ver a Nair trabalhando, porque havia um pequeno tampão na porta que deixava ver quase todo o quarto. Curioso, encostei o olho no buraco e vi Nair no meio da cama, com dois homens, sendo bolinada e apalpada, enquanto segurava os seus cacetes. Saiu logo e voltou com um pote de creme, passando no pau de um deles. O outro se colocou na cabeceira da cama. Nair colocou dois travesseiros, deitou-se de barriga com a bunda para cima e abriu as nádegas com as mãos e eu vi o seu cu cor de rosa logo sumindo porque o cacete do homem moreno foi enconstando e via a sua cabeça entrar no rabo de Nair. Enquanto começava a lamber, morder o caralho do outro, o de trás foi enfiando o cacete bem devagar e minha esposa sorria como uma adolescente ganhando um sorvete. Os dois trabalhavam ritmado e Nair os acompanhava, porque quando um tirava um pouco o pau do cu dela o outro afastava um pouco o cacete da sua boca e depois ao mesmo tempo enfiavam de novo. Aí minha esposa chupava e rebolava o seu traseiro. Eu estava até tremendo de emoção e acho que foi o dia em que me senti mais feliz.

Continuando o ato sexual, o da frente agarrou a cabeça de Nair, gemeu e gozou intensamente na sua boca e ficou por alguns minutos assim; depois se afastou e o seu cacete estava limpinho porque a Nair chupou e engoliu todo o esperma. O outro agarrou então minha esposa pelos ombros e mandou brasa, com a Nair rebolando como uma vaca no cio e continuando com um sorriso nos lábios.

Depois do fulano ter acabado no cu da Nair, eu fui até o banheiro e não agüentei de tesão: bati a mais gostosa punheta. Voltei depois para a sala, dei uma espiada pelo buraco da porta e já vi um quadro diferente, com um loiro já com o seu pau enterrado no cu da Nair e o outro sendo chupado por ela. Já fui por mais duas vezes ver minha mulher trabalhar, sempre pelo buraco na porta. Não sei como ela pode trepar tanto e chegar em casa faceira e alegre, como se tivesse ido ao clube tomar um banho de sol.

Aos sábados minha esposa fica livre do seu compromisso com o motel, mas para não perder o hábito, sempre tem um programa sexual, aí com mais folga, pois costuma sair lá pelas 22 horas e muitas vezes dorme fora de casa.

Tudo o que foi relatado aqui é a expressão mais aproximada da verdade, porque por incrível que pareça a vida real muitas vezes supera a ficção.

Desculpem-me não ser possível dar o endereço do bordel, mas primeiro, é privativo, e segundo, Nair já está tendo dificuldade de atender a clientela efetiva. Nair trepa gostoso, fatura e eu sou o marido mais feliz de São Paulo. E estamos conversados.

O Maridão W.S., Pres. Prudente, SP.

O POEMA DO DESEJO

A roupa que escorrega do corpo desnuda a pele e acende o desejo. De sutiãs seios se livram, e o púbis, da prisão da calcinha. Ancas livres dos tecidos se lançam para a terna luz do quarto, brilhando como lua cheia em noite estrelada. O desejo me alcançou!

O corpo que toca excita-me. Transmite ondas de prazer quente e sensual. Minha pele estremece ante o contato da pele dela. Os meu seios se aquecem no calor de suas mãos. Eu sinto o membro vigoroso e rijo de meu homem bater em minhas pernas e sinto os mamilos de minha amante em meus lábios. Sinto o penetrar forte daquele a quem sou o sol de seu universo, abrindo minhas carnes úmidas enquanto meus gemidos surdos morrem na boca repleta pela carne macia dos seios. Nosso balé de paixão nos envolve por completo. Somos uma trindade perfeita de felicidade e gozo. Se num momento o instrumento do guerreiro faço sumir e reaparecer inúmeras vezes de dentro de minha boca, em outro instante esta mesma boca prova das delícias do pequeno clitóris intumescido. Se num momento sou invadida pela espada de meu conquistador, no outro instante meu púbis depilado é atacado pela língua voraz daquela boca deliciosamente feminina.

Aprecio, como "voyeur", aquele que amo penetrar nos mistérios sombrios de minha amante para, após o seu gozo, beber a mais nobre das bebidas na mais bela das taças. Minha boca repleta do mel do amor dou ao beijo apaixonado de minha amante que, bêbada da libido, ávida por mais, lança-se à ordenha da maravilhosa fonte do néctar de minha felicidade. Vejo suas mãos deslizando e escorregando pela extensão da peça e vejo seus lábios cercando e se fechando por sobre a glande. Chego a perceber os movimentos de sua língua e, pelo som do engolir, concluo que ela teve êxito em sua empreitada. Tão logo se dá por satisfeita, libera o membro de suas mãos e lábios e, gentilmente, me oferece, na ponta de sua língua trêmula, a última e preciosa gota que conseguira. Emocionada e feliz, beijo aquela mulher formidável, com paixão. Abraço-a e sinto meus seios tocarem os dela, ainda de bicos intumescidos como os meus. Deitamos na cama e, cansados e felizes, dormimos.

Outras tardes e noites se seguiram e o trio de amantes muito amor realizou, mas hoje a cama, nosso adorável campo de batalha, repousa menos quente do que fora um dia. Onde três corpos outrora se abraçaram e gozaram juntos, hoje somente um casal desfruta a felicidade do sexo.

Hoje, um outro presente, há recordações felizes do passado. Olho para o futuro onde sei que hei de encontrar uma nova amante, a quem darei a seiva do meu prazer, a quem darei o calor do amor de meu marido e com quem, certamente, muito amor haveremos de fazer.

Por ontem, por hoje e sempre eu sou Desireé e este é o meu poema do desejo.

DMPO, Caixa Postal 100.987, Niterói, RJ, CEP 24001-970.

(continua na pagina 74)

DOCE REENCONTRO

Eu e a Márcia estamos atualmente desquitados, mas certo dia houve um encontro de saudades, onde acabamos na cama de um motel relembrando os bons momentos em que realizávamos ménages com excelentes parceiros, alguns já publicados nesta revista.

Estava no trabalho e por volta das 20 horas recebi um telefonema daquela voz tão conhecida convidando-me para um chopinho. Hesitei, pensei e resolvi aceitar. Marcamos para as 21 horas num barzinho neutro, onde não nos conhecessem. Passei em casa, tomei banho, perfumei o corpo e lá fui eu. O local estava quase vazio, e escolhi uma mesa de canto. Uns cinco minutos depois, Márcia encostou o carro e desceu deslumbrante. A única coisa diferente era o corte do cabelo, agora muito curto. Mas a maneira de vestir continuava a mesma: um microvestido justo, com decote exagerado, mostrava os seios que tanto chupei e que massageavam o meu cacete.

Sorridente, cumprimentou-me com beijos no rosto, e pude sentir o mesmo perfume de outrora. Sentou-se, deixando as belas coxas bronzeadas contrastando com o tecido branco. Para relembrar pediu o drink de sempre: um campari. Rimos do pedido e começamos a falar da vida em comum, sobre como estavam as crianças. Conversamos olhando nos olhos, mas eu, saliente, tinha olhos também grudados nas coxas e seios. Havia ficado um pouco constrangida após um ano de separação. Vendo-a inibida, coloquei a mão na coxa morena e pedi que ficasse à vontade, pois ainda continuava uma bela mulher. E investi mais, querendo saber como iam os amores, se mantinha os mesmo hábitos íntimos e se havia descoberto algum prazer novo. Pediu que eu tivesse calma, pois ainda estava um pouco distante para me confidenciar sua vida particular. Acatei seu pedido, mas senti sua mão pousar também na minha coxa.

Voltamos a assuntos comuns. Após uns quarenta minutos, levantou-se e foi ao toalete. Pude então observar sua forma física. Continuava a mesma, pois o tecido fino do vestido delineava o fio-dental da mesma cor escondido dentro da deliciosa bunda que nunca tive o prazer de enrabar. No seu regresso, investi novamente, pois me sentia excitado, com o pau quase duro, e observei que pelo menos a roupa íntima continuava mantendo o hábito de usar. Vi um sorriso dos velhos tempos e sua mão acariciou meu cacete, ouvindo então algo que me estremeceu:

— E você continua o velho tarado. Só de olhar minha bunda já ficou com ele duro. Nossa, parece maior. Está usando muito?

Daí em diante a coisa esquentou, pois para responder-lhe cheguei-me mais perto e alisava as coxas enquanto relatava a minha vida, contando que jamais achei uma mulher como ela, que fosse tão liberal e criativa, que ninguém chupava pica melhor, que sabia inventar posições ou que gostasse de exibir-se como ela. Também quis saber de suas aventuras, mas fiquei meio frustrado quando ouvi dizer que estava variando bastante de parceiros, mas que escolhia sempre algo melhor, nunca inferior. Tinha amigos, mas nada sério. Aproveitava os momentos e nada mais, sentindo-se vazia após o encontro. Notando-me triste, alisou meu rosto e apertou o cacete, falando ao meu ouvido:

— Beto, te chamei aqui não só para falarmos de coisas que podem ser desagradáveis. Sinto saudades mesmo é de teu corpo e todos os prazeres que tivemos juntos. Vamos repetir tudo num motel?

Minha resposta foi um beijo nos lábios e paguei a conta, indo no car-

ro dela. Entramos no apartamento do motel, e ela, como sempre foi tarada, começou a tirar minha roupa, ajoelhando-se e chupando-me alucinada, esfregando a picona no rosto, dizendo-se saudosa, com palavras eróticas ao extremo. Logo engoliu a rola, chupava e masturbava a vara, pedindo que gozasse, que estava com saudades do sabor da minha porra. Por uns cinco minutos ficou mamando a pica até que gozei de forma abundante, chegando a pingar entre os seios. Seus lábios ficaram brilhosos e gosmentos. Levantou-se me beijando e comecei a tirar-lhe o vestido, deixando a calcinha minúscula; afastei-me e admirei a beleza que ainda conserva. Fiquei imaginando se ainda depilava totalmente a bocetinha pequena e gulosa.

Ao deitar-se de costas na cama, retirei a pecinha lentamente e realmente estava lisinha. Ela me disse que ia me levar para a cama. Passei a chupar milímetro por milímetro do corpo, virando-a, lambendo a gostosa bunda macia e perfumada, concentrando-me no apertado cuzinho, lembrando o quanto quis meter ali. Ao virar-se, passei a chupar a boceta úmida e doce. Matei a saudade, fazendo-a gozar com a língua. Fumamos um cigarro e conversamos mais abertamente. Marcia relatou que transou com seis dos nossos ex-parceiros, inclusive um surfista piçudo, e que tinha uma surpresa para a última trepada da noite comigo. Qual seria? Sorriu e deitou-se entre minhas pernas, começando a lamber o saco e chupar o cacete, elogiando-o como fazia antigamente. Pelo espelho via a bunda mexer-se e disse da saudade que tinha quando ela deixava meter a cabeça do pau e gozar dentro. Notei seu sorriso malicioso, mas não me apercebi.

Deixou o picão duro e foi para cima. Daí em diante, mudávamos de posição variavelmente; entre cada uma era uma chupada diferente. Após mais de quinze minutos, como gostava, de quatro, meti o pau na gruta, ouvindo que enchesse-a de porra e assim fiz, caindo sobre suas costas. Lentamente nos viramos. Ela retirou a manjuba molhada, colocou a mão na boceta e chupou, sorvendo meu leite, passando a língua nos lábios, e retirou a mão da buça, levando à boca. Aquilo nunca tinha feito. Brinquei com ela por fazer isto e falou que aprendeu muitas coisas novas, que uma delas ainda veria naquela noite. Pedimos cerveja e Campari e fomos a uma ducha a dois. Brincamos e nos arretamos no chuveiro. Tomamos a bebida entre abraços e beijos, chupadas, alisadas de mãos. Relembrou o tempo em que insinuava estar me comendo a bunda com seu grelinho quente e duro. Isto me deixou tesudo novamente. Realmente, Márcia continuava a mesma puta

VEM ME PROVAR... É SÓ LIGAR
00239 129 2671
ME BATE
00239 129
2690
FAZ MAIS
00239 129
2682
LIGUE E ESCUTE AS CONFISSÕES MAIS LOUCAS
VEM ME PROVAR. É SÓ VOCÊ LIGAR
ATENDIMENTO NO BRASIL 24 HORAS TODOS OS DIAS
VENHA ME DOMINAR
00239 129 2885
ME BOTA DE QUATRO
00239 129 2889
ESTA É UMA LIGAÇÃO INTERNACIONAL SOMENTE PARA MAIORES DE 18 ANOS. FAVOR CONSULTAR TELEFONISTA PARA TAXAS VIGENTES